

## **“FROZEN É PARA MENINA”: TECNOLOGIA, GÊNERO, DIVERSIDADE NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DAS CRIANÇAS**

Geovana Mendonça Lunardi Mendes<sup>1</sup>, Dariane Jovelina Gonçalves<sup>2</sup>, Isabela Santos da Silva<sup>2</sup>,  
Juliane Queiroz Odino<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Professora do Programa de Pós-graduação – [geolunardi@gmail.com](mailto:geolunardi@gmail.com)

<sup>2</sup>Acadêmicas do Curso de Pedagogia – FAED – bolsista PIBIC/CNPq – [dariane\\_91@hotmail.com](mailto:dariane_91@hotmail.com) e  
[isabela.santosdasilva07@gmail.com](mailto:isabela.santosdasilva07@gmail.com)

<sup>3</sup>Pós-doutoranda do Programa Nacional de Pós-doutorado – PNPD no PPGE/UDESC [juodinino@yahoo.com.br](mailto:juodinino@yahoo.com.br)

Palavras chaves: edição de vídeos . tecnologia . gênero.

Esse resumo apresenta o recorte dos resultados parciais produzidos no âmbito do projeto: *Por Uma Nova Compreensão da Infância: Educação, gênero e diversidade cultural a partir dos usos das tecnologias*, que tem a coordenação da Profa. Dra. Juliane Odino e vincula-se ao projeto do OBEDUC: *Tablets, computadores e laptops: análise sobre políticas, infraestrutura e aspectos pedagógicos da inserção de novas tecnologias na escola*, sob a coordenação da profa. Dra. Geovana Mendonça Lunardi Mendes, ligado ao Observatório de Práticas Escolares da FAED/UDESC. O texto aqui apresentado, tem por finalidade apresentar a experiência das bolsistas de Iniciação Científica neste projeto, que tem como objetivo compreender as implicações políticas, tecnológicas e sócio-culturais que incidem sobre as categorias infância e gênero, a partir da análise e de pesquisa-intervenção em duas realidades cotidianas distintas, de séries iniciais do ensino público da região da grande Florianópolis. Em específico neste recorte, destacamos a experiência de edição de vídeos em uma Escola Estadual de Santa Catarina – Escola de Educação Básica São Tarcísio, na turma do 2º ano dos Anos Iniciais. O projeto teve início ano passado, com a disponibilização de câmeras fotográficas, celulares e o UCA para as crianças filmarem o que achavam interessante e legal com o propósito de montar um filme. Nesse ano, iniciou-se com as crianças, a edição de vídeos. Na primeira visita dividimos as crianças em duplas através de um sorteio, pois a intenção era de mesclar a turma, e que as crianças trabalhassem com colegas que ainda não haviam trabalhado, pois a turma era bem dividida: meninas gostavam de fazer trabalho e brincar com meninas e os meninos com os meninos. Não havia muita interação, somente uma menina que gostava mais de brincar com os meninos. No início da experiência houve um pouco de receio em trabalhar com a dupla sorteada, mas com o passar do tempo eles foram aceitando. A turma era composta por 20 crianças, formando assim 10 duplas,. A turma foi dividida em 2 grupos (5 duplas) e acontecia da seguinte forma: mostrávamos os vídeos para a turma toda na sala de vídeo, depois as crianças retornavam para a sala de aula e então chamávamos 5 duplas, as outras crianças permaneciam na sala com a professora da turma esperando a sua vez. Os vídeos estavam separados por cada dia que as crianças filmaram no ano passado. As pesquisadoras distribuíram para cada dupla um bloquinho de anotações em que eles poderiam escrever quais vídeos que a dupla achou mais interessante para por no filme deles. Chegando à sala de informática, cada dupla trabalhou em um computador, adicionando os vídeos

que mais gostaram, colocando os efeitos. Para a edição de vídeos foi utilizado o programa “Open shot”. A cada visita nossa era um dia de vídeo que mostrávamos para eles, ao total foram 5 encontros. No terceiro dia de visita perguntamos para as crianças quais músicas eles queriam que tivesse no filme e as sugestões foram as mais variadas: Frozen, Michel Teló, Anita, Gustavo Lima, Michael Jackson e até Rock. Na visita seguinte finalizamos os filmes e as crianças puderam fazer os ajustes necessários, colocar mais vídeos, tirar alguns, enfim, deixar seu filme pronto. Na última visita nós apresentamos todos os vídeos, montamos o projetor dentro da sala de aula e todas as crianças puderam ver os vídeos de cada dupla. Ao final de cada vídeo perguntávamos o que eles mais gostaram do vídeo, o que não gostaram e o que poderia deixar no filme final. Percebemos que a turma adora mexer com a tecnologia e a escola disponibiliza equipamentos, além de não ter internet suficiente para a escola toda. Foi uma experiência muito rica termos participado desse projeto, e ver como as crianças, além de suas especificidades, conseguiram trabalhar em dupla, editar os vídeos e serem criativas a todo momento. Apesar da diferença de gênero estar presente na turma, falas do tipo: “Frozen é para menina” “não gostei porque é de menina”, todos conseguiram entender e respeitar a opinião do colega. Houve conflitos e discussões entre algumas duplas, mas em geral todos trabalharam em parceria e construíram vídeos incríveis.

Portanto, utilizando-se de uma estratégia metodológica pautada na etnografia do contexto escolar e uma proposta de intervenção fazendo uso das tecnologias digitais disponíveis em tais realidades com vistas a construção colaborativa de narrativas audiovisuais infantis, todo o processo esteve voltado a garantir espaços de expressão, reflexão, questionamento, empoderamento, valorização e circulação de saberes para além dos conteúdos de caráter escolarizante e normatizador sendo questionador das estereotipias de gênero, classe e etnia.